

TELENOVELA E EDUCAÇÃO: UM PROCESSO INTERATIVO

Telenovela tem contra a sua inclusão na escola o preconceito, a falta de referenciais e de instrumentos de análise

O preconceito em relação à televisão na escola diz respeito sobretudo à ficção. O telejornal é até discutido e desejável porque traz notícias do mundo, informação, atualização. Algumas vezes ele é objeto de crítica, mas de uma crítica que tem o cuidado de preservá-lo enquanto fonte não inteiramente confiável, mas indispensável à atualização dos fatos da realidade, e principalmente, dos fatos distantes.

A situação da ficção já é mais complicada. Os filmes são, em geral, de qualidade duvidosa, violentos e de roteiros e temas pouco ou nada interessantes. Os desenhos reproduzem, a seu modo, e para outras faixas etárias, os mesmos problemas: maniqueísmo, exaltação da força do herói, opressão dos fracos, ações e reações motivadas pelo poder instituído pela lei do mais forte. As telenovelas, dentro do gênero ficcional, são as grandes vilãs: do amor romântico às relações extraconjugais, passando pela prostituição e pelo erotismo, ao crime. Independentemente de suas qualidades artísticas, configuram-se como verdadeiras janelas para trazer modas e oferecer a transposição evasiva da realidade cotidiana.

A AUTORA

Maria Lourdes Motter

Professora Doutora do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Pesquisadora do NPTN (Núcleo de Pesquisa de Telenovela).

Nessa visão localizamos a permanência do preconceito de quem não vê, não conhece e não gosta, de um lado, e, de outro, a falta de referenciais e instrumentos de análise para avaliar esse produto cultural que, como todos os outros, pode ser bom ou não, nocivo ou inócuo ou, ainda, puro vôo imaginativo de um autor e de uma emissora em busca de audiência através do desfiar diário de fragmentos de uma história melodramática.

Não há, na verdade, argumentos sérios o bastante para justificar a omissão da escola com relação à telenovela, sobretudo sabendo-se que ela afeta não só expressiva parcela da população brasileira que assiste a ela, mas atinge indiretamente todos os outros segmentos, uma vez que mecanismos de repercussão a difundem para toda a sociedade.

Queremos com isso dizer que a telenovela entra na composição da cultura nacional. Ignorá-la, quando se objetiva trabalhar a comunicação e a cultura, equivale não a fugir de uma ficção sem nobreza para ser tratada no currículo ou no espaço da educação formal, mas a ignorar um elemento, um componente significativo na constituição da própria realidade.

Descobrir a telenovela como espaço educativo é o desafio que se coloca para a educação. Espaço que pode já vir claramente preenchido pelo gênero ou que deve ser construído pelos educadores através da análise e crítica do produto.

Como realizar essa tarefa? Que instrumentos utilizar? Como recolher amostras com

que possamos trabalhar? A quem cabe essa tarefa? Quando realizá-la? Será que o investimento vale a pena? As perguntas são muitas e poderiam prosseguir indefinidamente.

As razões para deixar a telenovela fora da sala de aula também são muitas: argumentos dos órgãos superiores de ensino, dos órgãos mais próximos a que está submetida a escola, da direção, dos pais, dos professores, enfim, da sociedade.

Com certeza, o único segmento que não terá argumentos contra será aquele representado pelos alunos. Porque eles assistem à telenovela, gostam dela, a comentam e nela encontram seus momentos diários de ficção. Na tela da TV, sempre pontualmente, a um simples acionar de botões, está o contador de histórias fazendo avançar uma narrativa dramatizada, com personagens conhecidas, vivenciando seus conflitos, domesticando circunstâncias hostis, driblando os azares da sorte na luta tenaz pela consecução de seus objetivos.

Sabemos da dificuldade de acesso a livros e jornais da maioria da população brasileira, excluída da cultura impressa, assim como dos bens de consumo em geral. É, com certeza, esse também o perfil da maior parte de nossos alunos.

Dessa forma, deixar de reconhecer a necessidade de se discutir e de analisar os programas de TV de diferentes gêneros, especialmente a telenovela, no espaço da escola é continuar polarizando e opondo o popular e o erudito como se fosse possível separar aquilo que vem das práticas cotidianas do povo e o que vem da elite.

A visão que permanece quanto ao conceito de cultura em nossa tradição é a que a cinde em duas, uma do povo e outra dos letrados. Dito desse modo, parece que estamos falando da Idade Média. Mas a intenção é trazer para o presente o quanto de superado existe

nessa visão em que cultura se confunde com música clássica, filmes de arte, teatro dos gregos ou de *monstros sagrados* e que, ironicamente, foram populares em sua época.

Nada de origem mais popular do que a ópera italiana. A perenidade de algumas obras tem a ver com a forma ou com a universalidade atemporal do conteúdo humano que carregam.

Adílson Citelli, em *Meios de comunicação e práticas escolares*¹, aponta para a exclusão da televisão com relação à escola. Nós estamos colocando as coisas num outro patamar, no sentido mais amplo, que é a interação com a educação, e essa interação, naturalmente, é objeto de reflexão com relação à escola. Ao mesmo tempo estamos especificando um produto televisivo – a telenovela.

DESPREZO E PRECONCEITO

A primeira questão que podemos levantar com relação à telenovela é o preconceito, que é disseminado na nossa sociedade e vem de longe. Realmente a telenovela é considerada um produto menor, um produto alienante. Nesse sentido ela é desprezada, como alguma coisa tão sem qualificação, tão objeto mesmo de desestimulação que sequer mereceria ser levada em conta. Alguns elementos contribuem para isso.

O primeiro é exatamente o preconceito, e gostaríamos de pensar nesta questão. A telenovela é alguma coisa em série, que obriga a uma sequencialidade. Ela teria esse elemento mais alienante, em função sobretudo das questões de que trata, de caráter subjetivo, afetivo, amoroso etc.

Diríamos, em princípio, que realmente uma das características da telenovela é o fio melodramático, amoroso, romântico, e que as críticas entrecapam (ou passam) por

1. Neste mesmo número de *Comunicação & Educação* p. 30 a 36.

aí. O objetivo da telenovela é contar esse tipo de história de maneira sequencial. Rejeitar por princípio esse modelo tem sido a prática da crítica, inclusive ao afirmar que a telenovela não acrescenta nada. Cabem aí algumas exceções, mas a crítica, em geral, parte desse pressuposto. Independentemente de ela ter uma proposta nova ou não, o que observamos é uma crítica que se repete. Apela para a síndrome de Cinderela, as mocinhas pobres que perseguem um casamento rico, casam, são felizes etc. Existe outro estereótipo, o de que as novelas são, por princípio, maniqueístas e, a partir daí, já está resolvida a questão. Elas duram seis meses, precisam ter cerca de duzentos capítulos, mas nós chegamos a elas com essas idéias preconcebidas e, portanto, as desqualificamos de pronto. Como se elas, realmente, não tivessem nada a nos oferecer.

Se admitíssemos a hipótese de que elas não têm nada de bom a oferecer, mais justificado seria trabalhar com o gênero. Pois é nossa responsabilidade refletir sobre o que constitui o cotidiano de nossos educandos, dos nossos filhos, bem como analisar o que se passa nessa relação receptiva. A telenovela está entrando, queiramos ou não, na nossa cultura, no nosso dia-a-dia, esse é mais um traço a compor a realidade. Ao nos recusarmos a olhar de frente para a telenovela, automaticamente estamos fechando os olhos para um aspecto da realidade. Começamos errando por aí.

Digamos que a telenovela não tenha realmente nada a nos oferecer. Ainda assim teríamos uma grande obrigação de saber o que ela é, faz, provoca, para que pudéssemos trabalhar na linha de uma crítica, a crítica dos meios, mas uma crítica no sentido de ver e demonstrar como elas são construídas. E não é outra a nossa proposta, cujo objetivo maior é, exatamente, olhar nessa direção, preocupar-se com tudo o que ocorre na indústria cultural, no mundo dessa cultura que, na ver-

dade, é a cultura na qual estamos mergulhados, exatamente para poder conhecê-la, avaliá-la, ter uma visão crítica no sentido de poder falar sobre ela, compreendê-la, formular novas propostas.

Nesse sentido, teríamos de pensar também no universo que chamamos de telenovela. Temos uma variedade muito grande de opções, ofertas diferenciadas em função da procedência dessas telenovelas, do canal de TV, do autor, do horário, e assim sucessivamente.

Devemos observar, primeiro, que ela é um gênero que abriga uma grande variedade de subgêneros e, a partir daí, ver qual é a que tem mais audiência, a qual delas nossos educandos estão assistindo e quais os problemas que estão sendo tratados. Chegaríamos assim à temática geral que norteia esses seis meses de reiterados desdobramentos das histórias.

Na telenovela temos uma história que se multiplica em histórias; uma trama principal, subtramas e por aí os problemas perpassam. A telenovela, por essa característica de estar diariamente no mesmo horário, em determinado canal, nos apresenta uma dose diária de ficção, e todos nós precisamos dela. A ficção ajuda a compor o que entendemos por real concreto, a pensar neste real, a dar, na pior das hipóteses, um merecido descanso ao guerreiro, para que ele possa se reorganizar depois de um dia de atividade. Todos gostamos de histórias.

IMPORTÂNCIA DO GÊNERO

É importante destacar, primeiro, que se trata de uma história, de uma longa história e mais, que ela contém outras histórias. São várias personagens vivendo, a cada dia, con-

flitos, discutindo problemas, buscando soluções. Nessa linha de reflexão, não estou propondo que nos abramos para a telenovela e passemos a defensores irrestritos desse gênero. Mas temos, em primeiro lugar, de entender sua importância enquanto gênero. Em segundo, se nos ativermos a um tipo de novela produzida no Brasil, por autores brasileiros, como Benedito Rui Barbosa, Dias Gomes, que lamentavelmente perdemos, Sílvia de Abreu e Lauro César Muniz, observamos um profundo engajamento com a realidade e uma preocupação intensa em discutir questões de nosso cotidiano concreto.

Situação bem diferente nos apresentam as novelas de procedência mexicana, como *Maria do Bairro*, por exemplo, onde o descompromisso pode ser notado até por observador pouco atento, variando do descuido do ponto de vista técnico às temáticas focalizadas.

Dias Gomes insistia: aquele que não nasce para incomodar, não deveria nascer. A frase não é literal, mas a idéia é essa, ou seja, temos, sim, de intervir no rumo dos acontecimentos, propor mudanças. Interessante é que quem diz isso é Dias Gomes, que sempre teve uma preferência muito especial pelo realismo mágico.

Ele não buscava tratar diretamente a nossa realidade cotidiana, mas a reelaborava metaforicamente, criando um micro-universo, no qual estabelecia as relações de causa, efeito, conseqüências, onde as conexões refazem o sentido indispensável à compreensão da complexidade do mundo social, com as manipulações do poder, os excessos de falta e presença, a exploração dos crédulos, a opressão dos ingênuos. Seus mundos ficcionais alusivos propunham um modo de ver a realidade construída sobre a desigualdade e a opressão: um modo de iluminar as causas, de denunciar e fazer compreender um pouco melhor o nosso tempo.

Através do seu mundo ficcional, com o recurso da figurativização, ou seja, através da dramatização, a telenovela busca reproduzir, naquele micro-universo, os problemas do nosso dia-a-dia, para que possamos, por um processo analógico, ler e entender um pouco o que nos acontece.

Parece-nos que, desse ponto de vista, já deveríamos estar visualizando algo de positivo na telenovela, independentemente do tempo que tenhamos para fazer uma análise detalhada. Com o jornal do dia, com as revistas semanais, já fazemos uma triagem e verificamos o que é simplificação do mundo. Pensando na novela mexicana, verificamos que a produção brasileira tem a intenção de acrescentar, para além daquele fio melodramático, uma dimensão social, de preocupação com problemas sociais, através da qual aquelas questões que a sociedade tenta jogar embaixo do tapete são trazidas para discussão.

DISCUSSÃO DE TABUS

É aí que encontramos um outro nível de preconceito e um outro conjunto de estereótipos. Se fizermos uma retrospectiva, perceberemos que, desde a década de 70, temáticas cada vez mais polêmicas vêm se insinuando, sendo trazidas para discussão: transplantes de coração, doação de órgãos, inseminação artificial, que representam avanços à medida que discutem temas tabus, por assumirem posições e romperem o silêncio. Mas parece que ninguém se dá conta de que esse avanço tem ocorrido. Não se pode negar que a maior contribuição vem do caráter de tribuna que tem a novela das oito, da TV Globo, de sua hegemonia em termos de audiência – quantas pessoas que viram o telejornal ou mesmo não viram estão diante da teleno-

vela, independentemente de sua condição social e de outras tantas circunstâncias?

É verdade que a televisão e as telenovelas não atingem um nível de qualidade cultural que seria o desejado, aquilo que estamos buscando, aquilo que almejamos. Cabe questionar o porquê: os autores não são bons?; a emissora censura?; a sociedade rejeita?; onde poderíamos localizar o problema, o ponto crucial?

Observando algumas das temáticas recorrentes nas telenovelas, verificamos que prostituição, homossexualismo, violência de um modo geral, e sobretudo violência urbana, repetem-se na sucessão de temas que são problemas sérios dos dias de hoje. E o que causa uma certa inquietação é pensarmos que, às vezes, o dramaturgo, o autor de novelas, dá um passo à frente no tratamento dessas temáticas, a emissora concorda com esse passo, mas a sociedade, e aí eu ponho aspas, “rejeita”. A sociedade não aceita. A telenovela é uma obra em aberto, ela vai sendo elaborada à medida que está sendo exibida; é um processo mais ou menos simultâneo de produção e recepção.

Ocorre pensarmos se não estaria aí, nessa vantagem fundamental que ela apresenta – a possibilidade que as pessoas têm de não gostar, de não estar satisfeitas com uma personagem, de opinar sobre isso ou aquilo – um dos grandes entraves para esse avanço e para discussões melhor encaminhadas de questões novas. Porque, na medida em que a sociedade rejeita a discussão aberta de tais temas, surge uma grande indagação sobre se a própria sociedade não estaria sendo tão conservadora, tão preconceituosa a ponto de não permitir que o autor dê um passo à frente.

Imagine, por causa da telenovela, discutir com nossos filhos e alunos essas questões incômodas. Não há por que discutir a dependência

química, a prostituição, inclusive a infantil, o aborto, o alcoolismo. Nossa tendência é fugir das questões que nos incomodam, com as quais não sabemos lidar, fingir que elas não existem.

Através dessa rejeição que mantemos os velhos problemas, impedimos o avanço. Contrariamente a toda possibilidade de intervenção, no sentido de fazer avançar toda a discussão, sentimos que o que existe é uma retração.

Temos de discutir, também, do ponto de vista da sociedade, se realmente é ela que está se comportando desse modo, isto é, até que ponto se fala em nome dela. Dizemos isso porque nunca nos convencemos de que a telenovela *Torre de Babel*² foi modificada por causa do casal de lésbicas. Realmente não ficamos convencidos e pensamos ter sido uma mudança na receita da telenovela que determinou essa rejeição. Ou seja, em vez de apresentar paulatinamente as personagens e essas ganharem aos poucos a simpatia do público, o que houve foi a apresentação de conflitos exacerbados, aquele contraste entre opulência e miséria, um jovem em plena crise por consumo de droga, duas lésbicas vivendo juntas em meio a muito charme, mas nem por isso, apesar da marca de afetividade, a exibição de sua relação amorosa foi menos chocante. Parece que o problema estava na receita, e não propriamente no casal de lésbicas. Porque numa novela anterior, *A próxima vítima*³, a questão do homossexualismo masculino foi muito bem tratada e teve uma aceitação tranqüila. Ficamos sabendo, pela revista *Veja*, que quem vetou as personagens, que acabaram sendo mortas, foi Daniel Filho, ou seja, o diretor artístico da emissora. Portanto, falou-se em audiência, como se a sociedade estivesse agindo, quando, na verdade, alguém dentro da emissora, tendo po-

2. Novela de Sílvia de Abreu, veiculada pela Rede Globo, em 1998.

3. Novela de Sílvia de Abreu, veiculada pela Rede Globo, em 1995.

der, agiu por conta e risco em nome de outro. Felizmente isso foi esclarecido e percebemos que a dúvida era procedente.

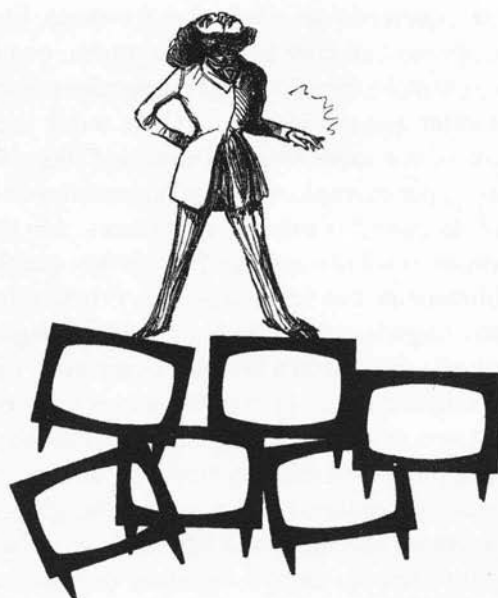
Quando lembramos essas questões, estamos apontando diretamente aspectos de nossa realidade, problemas fundamentais, sobretudo para nós que temos compromisso com a educação. Pensar a telenovela é importante porque ela introduz temas que podem servir de gancho para tratarmos de assuntos que nos incomodam, que são difíceis para todos nós. Assim, mesmo que o tratamento dado a determinada temática na telenovela não seja o ideal, poderemos transformá-lo em objeto de análise, o que produzirá o olhar crítico, resultando o tratamento menos adequado de certos assuntos em alguma coisa positiva.

POSIÇÃO DO EDUCADOR E DOS PAIS

Não é verdade que as pessoas que assistem à telenovela recebem tudo sem nenhuma capacidade de criticar e discernir. Também não é verdade que podemos nos excluir dessa história. Afinal somos professores, somos pais. Temos de acompanhar atentamente o que nossos filhos recebem, vendo com eles. Temos de dialogar e mostrar como tudo se constrói e levá-los a produzir uma visão crítica, uma visão do processo.

Nesse sentido, se há percursos e modos para trabalhar textos, teríamos várias disciplinas aproveitando muito bem esse material. Aproveitar o que já está incorporado pelo nosso aluno, pelo jovem. Ele já assistiu, está motivado para a discussão, para a continuidade dessa conversa. Aliás, ele, às vezes, procura a interlocução com os pais e ouve: – Olha! Vamos falar sobre coisas mais sérias. Não é melhor você me dizer o que viu no telejornal?

O professor, por seu lado, está em outra situação. Ele tem de cumprir tantos itens fundamentais que não tem condições de se preocupar com essas coisas ditas menores. E aí per-



guntamos: será que o professor assistiu, assiste, tem condições para, dispõe de um horário para ver o que está acontecendo e, portanto, dar conta de trabalhar junto com o aluno?

Então o que fica, às vezes, é essa crítica inconsequente de revistas que tratam de telenovela, de críticos e jornais que também não têm conhecimento sobre o assunto e seguem aqueles esquemas preparados para falar sobre o capítulo levado ao ar na noite anterior.

Há muita confusão em torno de tudo isso, e a tendência é considerarmos que as pessoas estão falando com conhecimento de causa e zelando pela nossa sociedade, quando, na verdade, só estão defendendo o próprio emprego e uma fatia do público leitor, ou seja, são profissionais, com seções nos jornais e revistas e que devem ser preenchidas a partir de esquemas prontos.

O Núcleo de Pesquisa de Telenovela da ECA-USP tem sido muito procurado por repór-

teres, querendo opiniões sobre o assunto. Eles se apresentam com uma pauta pronta, como, por exemplo, quando fomos procurados por um repórter que nos indagou: “Olha, o que você tem a dizer sobre essa síndrome de Cinderela, que é, por exemplo, o fio melodramático de *O rei do gado?*” Como pesquisadores, nos debruçamos sobre o assunto. Percebemos que absolutamente não se tratava disso. O que tínhamos naquela telenovela era uma personagem que não tinha nada a ver com o consumo, que não tinha nada a ver com os valores urbanos. Era uma sem-terra (Luana – Patrícia Pilar) que tinha outros valores. Ao contrário do que sugeria a pergunta do repórter, a personagem se violentou, sacrificou sua liberdade em nome de uma relação afetiva, em nome de uma realização amorosa, cedeu para se unir a alguém que tinha outros valores. O que percebemos foi uma negociação. Ela renunciou a valores de liberdade, a valores de natureza para viver com seu parceiro (Bruno Mezenga – Antônio Fagundes). Ele renunciou a valores econômicos, ao poder, para que pudessem recomeçar uma vida juntos, ou seja, houve, na verdade, uma negociação: para se unirem cada um fez as suas concessões.

Resumo: O artigo trata da integração da telenovela no espaço educativo. Faz a crítica aos preconceitos existentes em relação ao gênero e à falta de instrumentos e referenciais de análise, e aponta os aspectos positivos que esse tipo de ficção passou a apresentar a partir da década de 70. Destaca a necessidade de professores e pais atentarem para as questões colocadas por esse produto que afeta expressiva parcela da população brasileira, essencialmente os jovens, uma vez que mecanismos de repercussão o difundem para toda a sociedade.

Palavras-chave: crítica, telenovela, escola, jovem, estereótipo, preconceito

O valor que se sobrelevou nessa história foi o trabalho, a capacidade de criar. A grande riqueza que ficou dessa história foi o trabalho, (que é) para onde o casal protagonista se voltou, para (re)começar e, juntos, construir, produzir riquezas (não para si/individual, mas para nós/social).

Houve toda uma complexidade na história que se simplificou mediante o estereótipo, esse esquema sugerido de antemão pela crítica. Mas é claro que ninguém quer prestar atenção. Porque quando se trata de telenovela, já se parte do princípio de que tudo o que ela tem é ruim. Não se olha, não se vê, não se tem tempo. Essa ficção é, no momento, a que mais atrai a população e, portanto, precisamos prestar atenção a ela. Sobretudo, precisamos apoiar propostas de telenovela que tenham um certo engajamento com a realidade a fim de avançarmos para as questões mais importantes, possibilitando às pessoas encararem essas questões de frente e, assim, refletirem sobre as soluções.

Consideramos, portanto, fundamental que se inclua a telenovela no dia-a-dia da sala de aula. Não há mais como ignorar que a ficção do nosso tempo vem sobretudo pela tela da TV. Na interação educação-telenovela, todos podem ganhar.

Abstract: The article deals with integrating the soap opera brazilian telenovela in the educative space. It criticizes the biases there are against the genre and the lack of instruments and points of reference for analysis, and points to the positive aspects this type of fiction started presenting as of the 1970's. It emphasizes the need for teachers and parents to pay attention to the questions posed by this product, that affects an expressive portion of the Brazilian population, especially the young people since the repercussion mechanisms spread it throughout the entire society.

Key words: criticism, soap opera, school, young people, stereotype, bias